

ENCONTROS E DESENCONTROS QUE TRANSFORMAM

Mutatis Mutandis

Luta e transgressão como conspiração evangélica

Paulo Ueti

Resumo

Este artigo trata da luta e transgressão de grupos marginalizados e excluídos da mesa, da cidadania, dos direitos e sua relação com uma nova comunidade, que ainda não está tão renovada. O relato da “mulher siro-fenícia” a partir de Marcos e seu paralelo em Mateus revela um grupo marginalizado, mas resistente e transgressor da norma estabelecida. Não se pede o direito de acesso, se comunica que ele existe e o estranho é que haja gente neste novo grupo que ainda não o reconheça (Jesus, por exemplo). O artigo propõe uma teologia da esperança militante, evangelicamente sustentada e espiritualmente alinhada com a tradição cristã em conflito e em contradição perenes.

Palavras-chave: *Transgressão. Cidadania. Esperança. Mulher.*

Abstract

This article deals with the struggle and transgression developed by marginalized groups excluded from the access to the table, citizenship, rights and their relationship with a new community, which is not so well renewed. The story of the “Syrophenician woman” taken from Mark and its parallel in Matthew reveals a marginalized but resistant and transgressor group. The right to access is not asked but only communicated. And it is strange that there are people in this group who deny it (for example Jesus). The article proposes a theology of active hope, sustained by the Gospel and with a spirituality imbedded into the Christian tradition in ongoing conflict and contradiction.

1. Introdução

Entre tantas conversações/conversões com a Palavra (criação de Deus plenificada em Jesus, aquele de Nazaré) e as palavras que pronunciamos e escutamos, repetimos ou recriamos nasceu esta reflexão. Estive, estou e estarei sempre envolto tam-

bém nos subprodutos desses primeiros movimentos acima: encontros, desencontros, transformações, decepções e criatividade. E ainda o resultado da alquimia desses subprodutos: conflitos, transgressões, medo, possibilidades, desejos, censuras, vida plena. Não posso conversar sobre a Bíblia sem conversar sobre as possibilidades e impossibilidades da vida. Ou melhor, sobre as possibilidades da vida e o impedimento que alguns grupos querem impor para que alcancemos essas possibilidades.

Vivemos num tempo em que há um movimento global de “impossibilização”. Há grupos e políticas (também religiosas) que estão se esforçando bastante para impedir que o planeta seja cuidado, que a maioria da população tenha direito ao básico. A privatização e a comercialização da vida tem se tornado tema e realidade comum em nossos tempos. Vivemos um tempo de muitas desigualdades mas também de muita sinergia para superar isso.

Essa conversa é parte de uma conversa maior sobre culturas, diálogos, salvação/cura/saúde, militância, esperança, resiliência e movimento. E na América Latina, nossa “Pátria Grande”, não se pode falar a palavra movimento e resiliência sem imaginar (trazer para estética a memória) o Movimento dos Sem Terra, sem moradia, sem vida digna de ser vivida; movimento pela saúde pública, pela democracia, pela garantia de direitos fundamentais, movimentos contra intolerâncias religiosas, culturais, contra pensamentos e práticas homofóbicas, sexistas, totalitaristas e etnocêntricas que geral exclusões, violência e morte. Exclusão dos direitos fundamentais, dos direitos à mesa (da Eucaristia/comunidade, mas também do alimento e da sobrevivência). Movimentos de e pela libertação. Movimentos contra todos os que querem impor “uma só língua/linguagem/comportamento para dominar o mundo”, contra a privatização dos sistemas públicos e o estabelecimento de uma sociedade de privilégios, contra as opressões que impomos e das quais somos também vítimas.

Minha reflexão, obviamente, é fruto da minha própria história, dos traços de diferentes culturas que habitam meu ser e de muitos anos de escuta de Deus na Igreja e no mundo e de Leitura Popular (leia-se aqui espiritual, engajada e política) da Bíblia. É fruto da consciência de que somos todas/os imersos nas diferentes culturas do mundo e que nós, latino-americanas/os, e brasileiras/os especialmente, somos gente mestiça, sincrética e plural. Carregamos em nossas falas e em nossos corpos sementes do verbo que se fez carne e habitou entre nós, entre todos nós e não somente num ambiente ou cultura privilegiada. Se há algum privilégio aqui ele é ético e epistemológico somente, pois escutamos a Deus e aprendemos dele e com ele a partir da periferia do mundo, dos crucificados e dos mais vulneráveis.

Eu devo grande parte de minha sensibilidade às minhas amigas de caminhada e da vida feministas. Elas me ajudaram a contemplar a vida e o texto, silenciar para ouvir o que não é dito, enxergar o que não está à vista, sentir o que está impedido de se expressar. Mas também, e muito especialmente, devo uma parte da minha caminhada com o texto da Bíblia e o texto da Vida ao nosso amigo, companheiro, profeta

e pastor Milton Schwantes. Com ele aprendi que o desconforto é parte da vida e resultado das opções que fazemos; aprendi que as/os leitoras/es comuns e as pessoas que se dedicam aos estudos acadêmicos podem caminhar juntos. Ele foi um testemunho de que também na academia se faz opção por um tipo de leitura, é política e é ideoteológica, no nosso caso que lidamos com esse ambiente. Milton me ajudou a prestar atenção ao texto, a deixar-se mover pelo mesmo. E me ensinou que o texto da Bíblia sem o texto da vida não é texto.

Um dos primeiros textos que me encantou e me fez ficar mais apaixonado pela Bíblia foi uma reflexão sobre Mateus 25, publicado pelo CEBI. Era uma brochura de reflexão como o império mata e maltrata a vida para seguir seu caminho. Como certas garras sangram nosso continente sem dó nem piedade, e em nome de Deus. Essa brochura me ajudou a encontrar caminhos como jovem rebelde e militante, bem como como crente inspirado pela revelação de Deus na história das lutas e da esperança. Milton está nestas linhas como está no meu espírito.

2. O poder da Palavra e do encontro

Há um dito popular, extremamente equivocado e repetido para dominar consciências e prevenir transformações, que diz que “a primeira impressão é a que fica”. Obviamente, se somos atentos ao cotidiano e acostumados a fazer memória da nossa vida e das nossas relações com pessoas, lugares, coisas, chegamos a conclusão simples de que isso não procede. Quando nos dispomos a um segundo encontro, insistimos no diálogo, “olhada” mais atenta e contemplamos a realidade, tudo muda. A primeira impressão é certamente a que primeiramente transforma-se, torna-se outra impressão. O que não muda é o fato de ser “impressão”. Algo que fica impresso, inscrito na gente a partir das relações e dos lugares de onde nos relacionamos.

Para gente religiosa a Palavra/palavra e o encontro têm muito poder. Uso “Palavra” aqui em sentido amplo, espiritual e teológico. Palavra é tecido, emaranhado de fios entrelaçados e interdependentes, é encontro e relação, acontecimento e contradição. Tem o poder de libertar e de dominar. Para quem lê ou conhece as histórias bíblicas é mais evidente. Já no primeiro capítulo do livro das origens (Gênesis) podemos escutar o poema/canção dizendo que, quando Deus pronuncia uma palavra, algo de extraordinário acontece. O mundo é criado, há ordenamento, há cosmética. Isso é importante notar: fala = acontecimento. Quando falamos não estamos simplesmente decodificando algo de nosso cérebro para comunicar. Não falamos simplesmente com sons e com a boca. Quando falamos também produzimos uma realidade, somos capazes de transformar (alquimizar) o mundo e nós mesmos. Do mesmo jeito que Deus o fez. Essa cosmética provinda de Deus é plural, diversa, na forma e nos conteúdos.

Milton Schwantes, numa reflexão profética, ousada e profundamente espiritual, lembra que é da boca dos pequeninos que uma *Palavra*, um louvor agradável a Deus é divulgado exemplarmente. Reproduzo aqui uma reflexão sobre o Salmo 8, Palavra que brota da “boca das criancinhas e dos bebês” (Bíblia de Jerusalém):

“Descobri no oitavo Salmo algo inusitado. Pareceu-me inovador, estranho até. E isso me deu muita vontade de contá-lo a vocês. É do Salmo 8 que brotam caminhos especiais para o encontro com Deus. Suas palavras louvam ao Senhor, de céus e terra. Enaltecem-no sobremodo. Veem colocada sua grandeza na imensidão dos mundos. Celebram Seu nome com poderes e com maravilhas. E é mesmo tão bom poder celebrar a nosso Deus deste jeito, com louvações que olham para céus e terra, para povos e nações, para rios e matas.

A todo passo nossa Bíblia nos anima para tais festanças a nosso Deus. Pois, Ele merece! Desde as distâncias e profundezas, desde Sua amizade pessoal e do senhorio universal – louvor a Deus. Ele nos abriga e liberta. Arranca-nos dos infernos da pobreza e nas angústias da solidão. Louvor a Deus! Aleluia!

Sim, nosso Salmo 8 comparte com tantas outras louvações a beleza, o encanto e a glória de quem a cada dia nos chama à vida e nos anima a escapar das opressões. Seu nome é – Emanuel, Deus Conosco!

Contudo, há algo de mui particular, de bem inovador na louvação deste nosso oitavo salmo. E isso está em incluir as crianças. Elas chegam a tornar-se exemplos prediletos para o louvor. E isso me parece inusitado. Corajoso. É qual raio iluminador. É fulgor de inspiração!

Quem exemplarmente divulga o louvor é “a boca das criancinhas e os bebês” [sigo aqui a tradução da Bíblia de Jerusalém]. Este modo de entender o louvor é algo mesmo estupendo. Sensacional. Afinal, nosso salmista há de estar referindo-se aos choros, aos gritinhos de alegria, às risadinhas gostosas... das criancinhas, dos bebês. Seus gestos pequenos, com as mãozinhas comunicando sua presença, louvam a Deus. Sua fome, ah sua fome continuada e nada fácil de saciar – uma louvação a nosso Deus. Sua ânsia em viver, e fazer-se presente – tudo exaltação a Deus. Mas, veja! Que frágil enaltecimento a Deus – poderia alguém dizer.

Frágil, porque não há poder do jeito humano, real, político nestes sons e gestos de bebês. Esta festa a Deus – feita por crianças – envolve a terra. É verdade. Mas não decide na terra. Bem o sabemos, ao nosso redor. Os poderes deste mundo não querem nem saber destes gritinhos de bebês. E, ainda assim, a louvação de qualidade é esta: é a da boca de bebês! Desse jeito anda o caminho de Deus! Permanece então a sugestão: louvemos a Deus, sim, sem fim. Mas no modelo dos bebês, “da boca das criancinhas”.

Eis o maior dos espetáculos! Um escândalo de fraqueza! E de vida também!

Ó Deus da vida, ó Deus dos bebezinhos, dá-nos coragem a louvar de jeito pequeno, de boca pequena. Perdoa, Deus vivo, quando vivemos no esquecimento de teus filhinhos prediletos. Dá fortaleza à boca das criancinhas! Em Jesus. Amém”¹.

Com essa memória estabelecida podemos percorrer então vários textos bíblicos e acontecimentos da vida. Quanta Palavra/palavra pronunciada e quantos encontros foram responsáveis pela morte, destruição, opressão e exclusão. Mas, quanta Palavra/palavra pronunciada fez exatamente o contrário: aliviou, libertou, incluiu, reconheceu, conectou, empoderou. Que palavra nós carregamos e compartilhamos? Que projeto político (de bem comum) e ideoteológico está incluído nas nossas escolhas de Palavra/palavras e de contextos para pronunciá-las (criar/transformar realidades)?

Não se pode ler esse texto que proponho aqui de Mc 7,24-30 e seu paralelo em Mt 15,21-28 (e tantos outros, claro) como latino-americanas/os sem reconhecer nossa história marcada por desencontros, violências e genocídio, também religioso e cultural. Não estamos acostumados ao diálogo e tolerância, nem a escuta e humildade. A espada e o evangelho vieram juntos para a América Latina. Além de virem juntos, o evangelho sustentou a espada contra indígenas e negras/os. Acredito que ainda esse espírito etnocentrista em termos de moral, religião e cultura ainda permaneçam presentes em nossas ideoteologias, práticas políticas, espiritualidades e práticas pastorais.

Conforme José Oscar Beozzo, historiador e membro do CEHILA (Centro de Estudos da História da Igreja Latino-americana):

“Um poema maia, do Quiché guatemalteco, logo após sua derrota frente a Alvarado, em 1528, exprime muito bem o que esteve em jogo na Conquista e como esta foi percebida pelos povos indígenas: não apenas como derrota militar, subjugação política, exploração econômica, mas também como desastre cultural. No Quiché, ao contrário de Tenochtitlán, os espanhóis já não são mais vistos como encarnação dos deuses e sim como “dzules”, estrangeiros e invasores e há uma clara percepção e condenação da brutalidade e do etnocentrismo da colonização e do modelo de evangelização que a acompanhou. O poema vale-se do simbolismo das flores que, no mundo maia, são o simbolismo mais alto da cultura e de suas expressões: ‘Vieram fazer as flores murcharem. Para que sua flor vivesse, danificaram e engoliram nossa’”.

Ainda pensando que a Palavra tem poder, Rubem Alves gosta de um conto que compartilho com vocês.

Lembro-me de um cavalheiro, educado num mundo de proibições alimentares, que aprendera a detestar miolo sem nunca haver provado um. Foi jantar em

1. CEBI Notícias <http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=8¬iciaId=2797>.

uma casa em que foi servida couve-flor empanada. Após a refeição dirigiu um elogio à anfitriã:

Divina, a couve-flor...

Couve-flor? O senhor se enganou. É miolo empanado...

E, sem que tivesse havido uma única alteração nos componentes físico-químicos da situação, a linguagem que envolvia o corpo se encrespou, e a educação do hóspede se transformou em palidez de um corpo cujo estômago vem à boca, seguida da corrida inevitável ao banheiro, para vomitar.

Vomitar o quê?

Miolo?

Absolutamente.

Vômito de palavras, rótulos, etiquetas”².

A comunidade de Mateus quis deixar essa lembrança forte para todo mundo, lembrando que “*o ser humano não vive somente do pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus*” (Mt 4,4). E tomando do texto de Mc 7,29 temos a declaração de fé final de Jesus (não é só a mulher que professa uma fé): “*Pelo que disseste, vai: o demônio saiu da tua filha*”. Esta perícopes que vamos ler foi, provavelmente, fruto do encontro conflitivo desta mulher com Jesus, de Jesus com essa mulher. Se formos para os anos quando o texto do Evangelho é ‘organizado’, é um texto fruto das lutas de grupos marginalizados na comunidade para garantirem seu “direito adquirido pela graça de Deus” à mesa, que aqui não é simplesmente algo “religioso”, mas política e socialmente relevante. É o conflito que é expresso a partir de gente portadora de direitos e consciente disso. Gente perigosa alguns diriam. A memória da dignidade e dos direitos é perturbadora da ordem, e é fonte de ações e conspirações que preocupam pessoas e grupos acostumados com o *status* quo do poder que domina e exclui.

Nesta “tombada” da mulher com Jesus e de Jesus com a mulher tudo se transformou. A mulher, Jesus, a filha. Mudou a perspectiva da comunidade, mudou sua teologia. Como resultado disso mudou sua prática e seu lugar geográfico e teológico. Se olharmos o texto de Mateus (Marcos não comenta nada neste momento), infelizmente descobrimos que um grupo não mudou: os discípulos. Que gente de cabeça dura e míope! Talvez seja um bom alerta para quem está nas posições de tomada de decisões ou se sente como grupo privilegiado, especialmente na religião.

3. Nosso texto

Para chegar ao texto bíblico passamos primeiro pelo “tecido da vida”. Textura complexa cheia de arte e beleza. Coisas públicas, outras não. Falas possíveis, falas

2. ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou o Feitiço erótico-herético da Teologia*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 61-62.

interditadas e proibidas, realidades que acontecem e frutificam e outras que são impedidas de aparecerem (controle social, medo, tabu, normatização). Os contextos latino-americanos nos impeliram a perguntar como o salmista “*Até quando, Senhor*” (Sl 13)?

Tomamos a história de uma mulher siro-fenícia. Aqui me debruço sobre a versão de Marcos, mais curta e direta. Encontramos essa mesma memória, com alguns acréscimos e particularidades da comunidade eclesial que manteve a memória, no Evangelho de Mateus.

Essa mulher, que não tem nome, soube que um homem poderoso em palavras e ações (um taumaturgo) estava nas redondezas e resolveu procurá-lo para ajudar sua filhinha que estava possuída por um espírito impuro. Não se sabe bem do que ela sofria. Estar com “espírito impuro” pode ser estar em situação de doença ou estar impedida (na perspectiva da lei judaica – Levítico) de participar da vida social. De qualquer maneira, em nosso texto temos uma mãe em busca de cura para sua filha.

O texto de que estamos falando é o relatado em Marcos 7,24-30.

v. 24 Saindo dali, foi para o território de Tiro. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse, mas não conseguiu permanecer oculto.

25-26 A Pois, logo em seguida, uma mulher cuja filha tinha um espírito impuro ouvir falar dele, veio e atirou-se a seus pés. A mulher era grega, siro-fenícia de nascimento, e lhe rogava que expulsasse o demônio de sua filha.

27 B Ele dizia: “Deixa que primeiro os filhos se saciem porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-los aos cachorrinhos”.

28 C *Ela, porém, lhe respondeu: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas das crianças!”*

29 B’ E ele disse-lhe: “Pelo que disseste, vai: o demônio saiu da tua filha”.

30 A’ Ela voltou para casa e encontrou a criança atirada sobre a cama. E o demônio tinha ido embora.

A estrutura do texto parece interessante. Alguns destaques:

1. Normalmente, quando lê-se esse texto, costuma-se chamar essa mulher de estrangeira. Pelo fato do autor ter mencionado esse detalhe parece que ele é relevante

neste contexto literário e narrativo. Ela é siro-fenícia, grega de cultura. Mas o interessante é que, do ponto de vista textual e geográfico, o estrangeiro ali é Jesus. Toda a cena ocorre fora do país de Jesus. Ele é quem está fora de seu país e inserido numa região de outra cultura dominante. Nesta política de leitura tradicional parece que sempre olhamos o texto com os olhos e os pés de Jesus, o judeu (ele nem era bem “judeu”, mas galileu). Mesmo que o arranjo literário não o faça. Por isso ainda denominamos essa mulher de “estrangeira”.

2. É expresso o interesse dos redatores em dar destaque a essas duas mulheres – a filha e a mãe – ambas sem nome. A cena é apresentada como o encontro, não muito amigável no início, entre duas pessoas que normalmente sequer trocariam olhares, quanto mais estabeleceriam diálogo. Para muitos judeus, os não judeus eram considerados ‘cães’. Mesmo assim o encontro acontece. Há um debate, aparentemente entre desiguais, mas, quando analisamos o discurso ali posto, percebemos um debate onde os dois estão no mesmo nível de conversa em termos de técnicas e de conteúdo. A mulher não está “submissa” totalmente. Uma diferença importante feita pela comunidade de Mateus é que ele “a converte”. Para o Evangelho de Mateus, essa mulher já é parte da Igreja que confessa que Jesus é o Messias, filho de Davi.
3. A conversa se desenrola por causa da expectativa desta mulher sobre aquele homem, da enfermidade da filha e da ousadia dessa mulher de interromper o desejo de Jesus de manter-se em segredo. É dela a fala de enfrentamento com o homem que não quer dar atenção ao seu pedido e à sua necessidade. No texto de Mateus ela “grita”. Imaginem a cena constrangedora de uma mulher gritando para alguém que de propósito queria manter-se anônimo. Jesus ao ser confrontado tem que expressar sua posição, provinda de sua tradição cultural, do que ele aprendeu quando era criança e do jeito que foi forjado durante sua vida em termos de relações, religião, fé e militância.
4. Jesus foi judeu. Nasceu, cresceu e viveu toda sua vida no ambiente da religião e cultura judaica. Muitos rituais, normas e costumes eram vividos não somente como consenso moral, mas como vontade de Deus. Era a fé em Deus que os modelava daquele jeito. Foram instrumentos muito importantes durante séculos e durante muitas crises para manter o povo unido e com identidade própria. Mas isso pode também ser um fator de estranhamento e de violência interna e externa. Uma cultura, tradição e religião corre o risco de ensimesmar-se, de fechar-se ao invés de cumprir sua vocação primeira que é a de orientar a vida cotidiana. Aconteceu no tempo de Jesus. Muita gente não mais entendia o espírito da norma e só aplicava a frieza da lei. Jesus criticou isso fortemente. Mas também foi vítima disso, como podemos ver no nosso episódio aqui nos textos de Marcos e Mateus.
5. Voltando ao enredo do nosso texto, são interessantes também os assuntos que permeiam o diálogo deste casal: gente diferente de culturas diferentes, encontros

entre gente desigual, espírito impuro/necessidade, pão/migalhas, acima da mesa/abaixo da mesa. Parecem duas pessoas conversando sobre assuntos diversos e não conexos. A mulher, grega de formação, com sua necessidade (cura da filha, expulsão do demônio, ter a filha de volta, ter ajuda, inscrever-se no universo linguístico de Jesus). Jesus com sua intransigência cultural (etnocêntrico e intolerante) e uma postura excludente e exclusivista em relação ao pão e à mesa. No evangelho de Mateus ainda temos os discípulos pedindo que Jesus a “despeça” logo (que pode significar “atender” ou “mandar embora sem atender” – mas, de qualquer maneira, temos intermediários incomodados com essa relação entre gente diferente. Na comunidade de Mateus parece que ela “não deveria ter direito” de acesso à mesa/Jesus. A questão fundamental é desenvolvida com propriedade pela mulher (ela é uma excelente utilizadora da técnica da retórica): Quem tem acesso a Jesus? Quem pode chegar ao pão? Serão somente os filhos de Israel, os do clube de Jesus e dos discípulos, os “que estão preparadas/os”? Os dois textos indicam que esse era o pensamento e a palavra (ação) de Jesus. A mulher não aceitou essa “norma”. Ela não gostou de viver no mundo dos normais, onde era isso que acontecia. Ela transgrediu a linguagem homogênea e dominadora da cultura, tradição e religião judaicas e fez esse homem mudar de opinião, o que o levou a mudar de atitude. Ela produziu conhecimento, estabeleceu as bases de uma nova possibilidade epistemológica. *“Pela boca das crianças e bebês tu o firmaste [o nome de Deus – Yhwh], qual fortaleza...”* (Sl 8,3a).

6. Também parece interessante que este texto e esta conversa encontram-se, em termos de contexto literário dentro da narrativa evangélica, entre dois outros textos que mencionam pão. Encontramos a mesma correlação em Mateus. Parece que a história da mulher siro-fenícia, que estava discutindo com Jesus sobre quem pode acessar o pão ou obter a cura, resultou na necessidade de recontar a primeira história da multiplicação dos pães com um outro final, para (a)firmar que todas as pessoas têm acesso a Jesus. E aqui é bom lembrar que ter “acesso” a Jesus é ter acesso à comunidade, a um novo projeto e espaço político e ideoteológico, que vai na contramão (cf. Carlos Mesters) do estabelecido naquela época, e hoje também.

Mc 6

Primeira multiplicação
dos pães em território
judeu

Nossa história conflitiva
sobre quem pode acessar
Jesus/pão/migalhas

Mc 8

Segunda multiplicação dos
pães em território não judeu

Todos têm acesso a Jesus / mesa / comunhão / comunidade / diálogo

*“Não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher,
todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3,28).*

5. O acesso a Jesus, ao pão/migalhas que caem da mesa, está relacionado com a situação da possibilidade de encontros e desencontros de gente de culturas diferentes, com léxicos diversos, com necessidades mútuas e desejos eróticos de aprender uns dos outros. Por isso nosso episódio dá tanta ênfase à cultura e à geografia dos dois personagens e das suas necessidades: a mulher e a filha carentes de relações e de participação (pão, mesa, saúde, comunhão) e aquele homem e seus discípulos mais próximos (homens, devemos mencionar) enfeitiçados pelo etnocentrismo cultural judaico, mas agraciados pela capacidade de ouvir e, mesmo na discordância, a superar sua suposta superioridade e permanecer no diálogo até o fim. Pode ser que aqui, novamente, haja um alerta para a comunidade: A abertura para novas relações, escuta espiritual e vocacional, solidariedade, senso de equidade e partilha transformam desencontros em encontros de amor e vida e previnem doenças e morte. Paulo já havia alertado anos antes, quando condenou a prática da ceia na comunidade de Corinto. Havia muitos doentes e fracos, dizia, e alguns até morreram porque a comunidade não era solidária; por isso a exortação de examinar-se, para não incorrer em condenação de si próprio com tal atitude (1Cor 11,28-32).
6. Precisamos “desaprender”. “Deus escolheu aquilo que no mundo é louco, até mesmo as coisas que não são, para reduzir a nada as coisas que são” (1Cor 1,27-28). Jesus desaprendeu algo, para aprender e apreender muito mais. Encontros entre culturas diferentes provocam tal resultado quando as pessoas estão, de fato, abertas e dispostas a isso; quando são desapegadas de suas verdades, tradições e certezas; quando estão dispostas para a atitude absolutamente fundamental de nossa espiritualidade da libertação: ouvir e obedecer ao Deus que dá vida e veio até nós num mundo plural.
7. A mulher não perde a esperança de ser atendida. Ela é vítima, mas não é passiva. Tem consciência de seus direitos e isso lhe dá força para continuar insistindo. Mesmo de sua condição de “cachorrinha” (que ela não nega), afirma com sua postura que isso não é um problema ou uma “questão” que possa impedi-la de participar plenamente da comunhão.

4. Esperança e militância – cura e salvação

Em muitos textos onde aparecem mulheres e estrangeiros, também aparece essa insistente conexão com militância. Elas são apresentadas como lutadoras, transgressoras, perenes no movimento de busca de seus direitos, apesar de sua situação de vítimas do sistema político-econômico ou do sistema religioso, tanto no tempo de

Jesus, como no tempo da organização das igrejas nas décadas seguintes ou nos dias de hoje. O estrangeiro, o Outro é sempre sinal de que Deus tem algo a dizer. Quando algo é diferente é necessário aprender, para decidir se vamos apreender ou não. Por isso que religião é relação amorosa e desprovida de verdades absolutas para que possamos mudar e viver nosso caminho de busca de Deus.

A mulher siro-fenícia é um exemplo desses textos. A comunidade que manteve a memória tinha razão de escolher esse episódio como expressão da luta de grupos vulneráveis, mas capazes de reagir sinergeticamente. Ela não hesita em buscar ajuda. Descobre o paradeiro de Jesus, já afamado por seus milagres e suas palavras, e movimenta-se em direção a ele que, segundo o redator do evangelho, não queria ser encontrado.

Não sabemos muito da filha dessa mulher. O texto só nos informa que ela estava possuída por espírito impuro (ou espírito de impureza). O que isso significa não é muito certo. Na tradução grega da Bíblia Hebraica, chamada Septuaginta, esse termo “espírito de impureza” era usado para designar pessoas que não estavam em situação de pureza ritual/moral. Já no Segundo Testamento está associado a estar com o demônio. Em várias discussões pensou-se que essa menina poderia estar sofrendo de algum mal, por exemplo da fome, da violência, da exclusão de mesa por causa da religião judaica. Parece que essa mulher quis de alguma forma entrar para o “grupo ampliado” de Jesus. Mas Jesus a rejeita, dizendo que ele só veio para os filhos. E que não vai abrir-se (tirar dos filhos) para outras culturas.

Podemos pensar que o texto esteja falando, na década de 70-80, quando a redação final do evangelho é “terminada”. Era um tempo de concentração de recursos, de falta de comida, de violência. Lembremos que nos anos 70 na Judeia ocorreu uma grande guerra. Também no Império, como um todo, isso deve ter repercutido. No tempo de Jesus era a mesma coisa. Muitos movimentos messiânicos, muita interferência de Roma em termos militares e de governança da região. Muita gente excluída na religião de Jesus do acesso a Deus por causa das impurezas rituais/morais. Há muita energia sendo gasta há algum tempo para que haja hegemonia de língua, idioma, moeda, ritual, obediência.

Voltando aos anos 70/80, podemos localizar esse texto na discussão que deva estar ocorrendo nas igrejas sobre a participação na mesa (eucaristia), considerando que a eucaristia já era prática ritual nas igrejas e que já havia uma certa hierarquização de ministérios. Também pode ser que haja um problema sobre a participação de mulheres dentro da comunidade. As duas personagens do texto são duas mulheres. Enquanto “os filhos” podem ter o pão, “a filha” fica excluída sem acesso a Jesus/mesa. Certamente há um conflito entre culturas diferentes convivendo sob o mesmo projeto. Há uma cultura com a espada e a verdade e uma outra que deveria se submeter e relegar-se à sua insignificância. Mas, tanto na Bíblia quanto na América Latina esse projeto não deu certo. O espírito de Deus, que não pode ser controlado, subverte a ordem, cria nova ordem e estabelece novos caminhos para serem trilhados.

Mas a natural insistência dessa mulher muda a cena. Ela não se abala com a resposta ofensiva de Jesus. Ser rejeitada e ainda chamada de “cachorrinha”. Que

abuso deste homem! Ele precisava aprender algo de uma mulher, de uma mulher siro-fenícia (que não era da sua religião, de sua cultura, de seu idioma nativo e nem nacionalidade) e de sua filha com espírito de impureza. Para nossa surpresa – e é uma pena que ficamos ainda surpresos com gente que é capaz de mudar de opinião –, Jesus é co-movido. Move-se junto com ela e por causa do que ela disse e fez para a teia de palavras e significados que ela propõe e tece. Ele já está no seu ambiente natural (Tiro e Sidônia) e ainda move-se para o lado dela com seu corpo, começa a olhar o mundo a partir do contexto dessas duas mulheres. Os dois, na conversação/conversão, mudam o rumo de nossa história.

Na relação de escuta atenta da outra pessoa há salvação e cura, há mudança de teoria e de fala. As palavras, antes cheias de morte e exclusão, tornam-se certeza de vida e de acolhimento. Na relação atenta há cura. Jesus, a mulher e a menina foram curadas dos muros da exclusão e da fome (de pão e da Palavra).

A mulher não arredou o pé quando foi rejeitada. Que exemplo! Ela não estava pedindo permissão. Ela acaba comunicando a Jesus que ele está equivocado na sua compreensão do mundo. Porque mesmo que o pão seja “só para os filhos”, o pão não é propriedade “dos filhos”... migalhas (que também é pão) caem no chão, e os “cachorrinhos” (os estrangeiros) podem e vão pegar. Eles (todas as pessoas) têm direito ao pão nosso de cada dia.

A igreja de Deus é exatamente (ou deveria ser) esse espaço político e religioso onde aprendemos que há direitos que são inalienáveis, ou seja, ninguém tem o direito de nós negar. Aprendemos com essa mulher que a cura da menina necessita do movimento popular: correr atrás de possibilidades sem intimidar-se com possíveis “nãos” pelo caminho, mesmo que sejam “nãos” de homens autoritários e exclusivistas. Pode não ser culpa deles. Precisam aprender que mulheres e crianças são portadoras de palavras que curam e transformam.

“Pelo que você disse, vá”... a menina foi curada pela Palavra dita. Por isso precisamos tomar cuidado quando encontramos gente, movimentos, instituições que nos proíbem de “dizer a palavra”. Aprendemos que temos que transgredir quando certas pessoas ou instituições nos proíbem de dizer certas coisas. “Pai, afasta de mim esse cálice (cale-se)”... “Seja feito segundo a sua vontade”.

6. Bem dizer

Sabemos que a Palavra tem poder. E que nós somos curandeiras da palavra. Para continuar com esse ministério, olhando para nosso texto de estudo, adotamos como exemplo de movimentos de cura as atitudes dessa mulher. As palavras e atitudes daquele homem não tiveram a força suficiente para a cura. Foi o que a mulher fez/disse que desencadeou o processo. Ele fez parte, ele foi capaz de abandonar-se de suas convicções e abraçar outras. Ele estava disposto, aprendeu dela, a relacionar-se. Ele não tinha a verdade absoluta. Alguém tem?

A mulher devolveu para a comunidade algo que poderia ser que estava sendo esquecido. Esqueceram de movimentar-se, ir à luta, buscar, transgredir ou fazer transgredir quando o assunto é de vida ou morte, ou de amor e paixão.

Ela voltou para casa, conforme Jesus havia dito. A vida continuou. Jesus retomou seu caminho. A comunidade teve que repensar sua tentativa de exclusivização. Jesus não é somente para os “filhos”. O caminho de cura/salvação é aberto a todos.

Quero terminar minha contribuição afirmando o óbvio. Esta minha colaboração é *uma* colaboração e uma possibilidade de entrar e sair do texto, na tentativa de ser fiel à primeira palavra de Deus em primeiro lugar: a vida e ao contexto em que ela se sustenta. Mas também minha leitura, latino-americana, brasileira, mestiça quer ser fiel ao texto que é tecido vivo, úmido, falante e desconfortável... Compartilho as intuições de minha amiga teóloga, historiadora e biblista Nancy Cardoso. Segundo ela, nossa leitura latino-americana insiste bravamente numa espiritualidade auscultadora e libertadora, que não pede o sacrifício do texto na redução de sua complexidade, nem abençoa o fetiche da religião do consumo, da dominação e do divã gratuito. Ao contrário, aceita viver esta mística da desordem e do desconforto, que movimenta a mente e o corpo, ordena a pesquisa sem matar o texto. Eis o milagre! O texto se faz carne na realidade.

Esta realidade, caldeirão de lutas de classes e etnias, obriga o texto a mostrar seus conflitos: o campesinato periférico, os imperialismos políticos e religiosos, os abusos de poder, as intolerâncias sexistas e religiosas, o cotidiano da pobreza, da fome, da doença e da loucura da maioria da população do mundo, a marginalização e violência especialmente contra mulheres e crianças. Também insere-se neste palco de conflitos os bons resultados como a criatividade, a ousadia, a imaginação, a capacidade de encontrar-se e de conviver, a perenidade de relações ainda possíveis.

E nossa leitura escolhe, prefere, elege sim. A diferença é que nós dizemos isso aqui. Sem medo de sermos felizes! É uma leitura que assume as perguntas da realidade, o suor do método, recorrendo à história, arqueologia, antropologia, geografia, espiritualidade e às teologias. Na tensão entre gravidade (método) e graça (espiritualidade), a religião de Jesus e seu evangelho se fazem carne, habitam sensualmente entre nós, eternamente humano e divino. Um Deus conosco!

*“Ele mantém para sempre a verdade (não esquece):
fazendo justiça aos oprimidos, dando pão aos famintos;
O Senhor liberta os prisioneiros”.*
Sl 146 (145), 6c-7

Paulo Ueti
paulo.ueti@anglicancommunion.org
Brasília – DF

Bibliografia

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou o Feitiço erótico-herético da Teologia*. Ed. Loyola, São Paulo, 2005.

CEBI Notícias – <http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=8¬iciaId=2797>.

BEOZZO, J.O. http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/ciber02_vaticano.pdf.

VV.AA. A Bíblia na mutação Cultural. *Estudos Bíblicos*, n. 61, Petrópolis, Vozes, 1999.

VV.AA. Jesus Histórico. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 47, Petrópolis: Vozes, 2004.

GAMELEIRA, S.A.; JUNIOR, J.L.C. *Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 – Refazer a casa*. Comentário Bíblico. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZORGDRAGER, H. e OOSTERBROEK, H. *Reading the Bible across the cultures*. Reflections on empirical hermeneutics, interculturality, Holy Scripture. Proceedings of the Symposium held on June, 12, 2008, Amsterdam. Netherlands. 2009.